

## REPRESENTAÇÕES DE PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL ACERCA DA PRÁTICA DE LEITURA

### REPRESENTATIONS OF TEACHERS OF FUNDAMENTAL TEACHING ABOUT READING PRACTICE

**Dalve Oliveira Batista-Santos**

Universidade Federal do Tocantins (UFT)  
dalve@uft.edu.br

**Ana Lúcia Ferreira Campos**

Universidade Federal do Tocantins (UFT)

**Resumo:** *As dificuldades nas atividades de compreensão leitora é um tema que provoca inquietações em muitos professores, tornando-se um desafio para se efetivar o principal objetivo da leitura que é possibilitar a formação e o desenvolvimento de leitores proficientes, que ajam criticamente em relação às informações disponibilizadas no texto e fora dele. Essas dificuldades, na maioria das vezes, refletem nas concepções que professores utilizam na elaboração de atividades envolvendo leitura. Nesse contexto, a pesquisa tem como objetivo analisar as concepções de leitura utilizadas por professores do Ensino Fundamental II e suas implicações no desenvolvimento do leitor proficiente. E atrelados a este objetivo, buscamos especificamente responder aos seguintes questionamentos: Quais as concepções de leitura utilizadas por professores do Ensino Fundamental II e suas implicações no desenvolvimento do leitor proficiente? Qual o conhecimento que esses professores possuem sobre as práticas pedagógicas que envolvem a leitura em sala de aula? Para respondermos tais questionamentos, nos basearemos em teóricos e pesquisadores que tem a leitura e os saberes e práticas docente como foco, sendo eles: Kleiman (2013a; 2013b); Solé (1998); Menegassi (1995; 2010), Kato (2002), Leffa (1996; 1999) e Coracini (2005). Assim, por meio das análises, constatamos um predomínio da concepção foco no texto nas ações dos professores, implicando num processo de ensino e aprendizagem de leitura que não considera a relação significativa e dialógica do texto-leitor-autor. Além disso, enfatizamos que uma prática que não leva em consideração a interação texto-leitor-autor não possibilitará a formação de leitores competentes.*

**Palavras-chave:** *Concepções de Leitura; Compreensão leitora; Professor.*

**Abstract:** *The difficulties in reading comprehension activities are a topic that causes concern any teachers, becoming a challenge to achieve the main objective of reading that is to enable the training and development of proficient readers, who act critically in relation to the information made available in the text and outside. These difficulties, mostly, reflect in the conceptions that teachers use in the elaboration of activities involving reading. In this context, the research aims to analyze the conceptions of reading used by Elementary School II teachers and their implications in the development of the proficient reader. And linked to this goal, we have specifically sought to answer the following questions: What are the reading concepts used by Elementary School II teachers and their implications in the development of the proficient reader? What knowledge do these teachers have about the pedagogical practices that involve reading in the classroom? In order to answer such questions, we will base ourselves on theorists and researchers who have the reading and knowledge and teaching practices as their focus, being: Kleiman (2013a; 2013b); Solé (1998); Menegassi (1995; 2010), Kato (2002), Leffa (1996; 1999) and Coracini (2005). Thus, through the analyzes, we found A predominance of conception focus on the text in the actions of teachers, implying a process of teaching and learning of reading that does not consider the meaningful and dialogical relationship of the text-reader-author. In addition, we emphasize that a practice that does not take into account the text-reader-author interaction will not enable the formation of competent readers.*

**Keywords:** *Reading Concepts; Reading comprehension; Teacher.*

## Introdução

A questão da compreensão leitora é um tema que vem causando inúmeras inquietações em muitos professores, no que se refere o processo de ensino e aprendizagem da leitura. Tal inquietação gira em torno da formação e desenvolvimento de leitores proficientes que ajam responsivamente em relação às informações que são disponibilizadas a eles.

Nesse contexto, a pesquisa tem como objetivo geral analisar as concepções de leitura utilizadas por professores do Ensino Fundamental II e suas implicações no desenvolvimento do leitor proficiente. E atrelados a este objetivo, buscamos especificamente responder aos seguintes questionamentos: 1. Quais as concepções de leitura utilizadas por professores do Ensino Fundamental II e suas implicações no desenvolvimento do leitor proficiente? 2. Qual o conhecimento que esses

professores possuem sobre as práticas pedagógicas que envolvem a leitura em sala de aula?

Levando em consideração os questionamentos propostos, acreditamos que as concepções de leitura são fundamentais na formação e no desenvolvimento do leitor. Tal compreensão leva em observação a relação das concepções de leitura: foco no texto, foco no leitor, foco no autor e na interação autor-texto-leitor sendo esta última, foco da pesquisa.

Nesse interim, justificamos a escolha da temática pela necessidade de promover uma reflexão para os demais professores, tendo como foco observar como é o processo de ensino da leitura na sala de aula, e da importância de todos os professores fazerem uso das concepções de leitura de forma significativa ao processo de ensino e aprendizagem de LP.

Para Coracini (1995), na concepção interação autor-texto-leitor a leitura é compreendida como:

[...] interação entre os componentes do ato da comunicação escrita, o leitor, portador de esquemas (mentais) socialmente adquiridos acionaria seus conhecimentos prévios e os confrontaria com os dados do texto, “construindo”, assim, o sentido. Nessa concepção, o *bom* leitor é aquele que é capaz de percorrer as marcas deixadas pelo autor para chegar à formulação de suas ideias e intenções (CORACINI, 1995, p. 14).

Para assimilação das informações presentes nos textos é necessário que o leitor consiga ir além da decodificação de símbolos, não se limitar ao texto, mas estabelecer uma ligação do texto com seu próprio conhecimento prévio. Assim, para desenvolver a formação crítica do leitor, a prática da leitura interativa exerce um papel fundamental, pois permite uma interação significativa e dialógica por meio da linguagem. Seguindo essa linha de pensamento, Bakhtin/Volochinov (1992), afirma que:

A língua se constitui em um processo ininterrupto, realizado através da interação verbal, social, entre interlocutores, não sendo um sistema estável de forma normativamente idênticas. Assim, os sujeitos são vistos como agentes sociais, pois é por meio de diálogos entre os indivíduos que ocorrem a trocas de experiências e conhecimentos (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1992, p.489).

Diante do exposto, infere-se que uma prática de leitura constituída de forma dialógica, seja de extrema importância na formação e desenvolvimento do leitor proficiente. Nessa formação, o professor tem um papel fundamental em possibilitar mecanismos metodológicos para compreensão e interpretação dos textos disponibilizados na atividade de leitura.

Para discutir as concepções de leitura representadas pelos professores de Língua Portuguesa, e como elas contribuem na formação do leitor proficiente, optamos por dividir o trabalho em três seções. Na primeira, discutimos a perspectiva teórica da leitura, onde abordaremos as concepções de leitura, o professor e a prática tradicional de leitura em sala de aula e a formação e desenvolvimento do leitor competente baseados em alguns autores, tais como: Kato (2002), Silva (1999), Fuza; Ohuschi; Menegassi (2010), Hoppe e Costa-Hübes (2013), Coracine (2010), Kleiman (2013), Grotta (2001), Wolf (1971), Filho (2005), Rojo (2012), Koch e Elias (2012), Silva (1999) Miguel (2010). Na segunda, discutimos a metodologia adotada na pesquisa. Na terceira, trazemos as análises das entrevistas. E por fim, as considerações finais.

### **Perspectiva teórica de leitura**

A leitura é uma temática discutida por vários pesquisadores, (MENEGASSI, 1995, SOLÉ, 1998; KATO, 2002; MENEGASSI, 2005, 2010 KLEIMAN, 2013), que se preocupam com a formação crítica dos sujeitos enquanto cidadãos ativos e responsáveis na sociedade. Além disso, a prática de

leitura, em seu caráter social, é compreendida como um instrumento que possibilita a construção de múltiplos sentidos para aqueles que praticam de maneira significativa este processo. Assim, a leitura é um campo do conhecimento que necessita ainda de muitas investigações, como assinalam Menegassi e Fuza, (2010)

Observa-se que a leitura é tida como um processo, ou seja, constituída de etapas que exigem um trabalho de construção de significado do texto por parte do leitor. O significado é aquele demarcado no texto e o aluno é responsável por buscá-lo, visando à produção de sentidos para aquilo que lê, que são produzidos a partir de suas relações sócio-histórico-ideológicas com o texto (MENEGASSI, FUZA, 2010, p. 318).

Dessa forma, a leitura possibilita a criação de múltiplos sentidos, construindo assim novos conhecimentos. Quem muito ler, sabe socializar, interagir e dialogar com os saberes compartilhados na sociedade. O processo de leitura é muito mais do que decodificar códigos, é decifrar palavras e criar sentidos, a fim de obter uma boa compreensão e com isso, formar posicionamentos críticos e reflexivos.

É importante ressaltar que para se ter uma leitura significativa e crítica é essencial que o leitor interligue os conhecimentos adquiridos no decorrer de sua vida com que está sendo lido. Segundo Kleiman (2013, p. 15), “o leitor utiliza na leitura o que já se sabe, o conhecimento adquirido ao longo da vida”. E com isso, se faz um bom processo de interação com base nas ideias e conceitos apreendidos, formando assim, um sujeito apto a exercer o papel de leitor competente. De acordo com os PCN:

Para o que o leitor seja considerado competente, precisa dominar habilidades que capacitem a viver em sociedade, atuando nas mais diversas situações sociais de comunicação: “Daí a importância de promover-se o desenvolvimento, no aluno, da capacidade de produzir e compreender textos dos mais diversos gêneros, em diferentes situações comunicativas” (BRASIL, 1998, p. 19).

Para que essa leitura alcance um grau satisfatório, o leitor precisa ativar o *conhecimento linguístico*, o *conhecimento textual*, e seus conhecimentos de *mundo* (KLEIMAN, 2013). O *conhecimento linguístico* envolve o entendimento dos padrões formais da língua, tais como o aprendizado da Língua Portuguesa, que é aquele conhecimento que adquirimos com o meio, seja no ambiente em família ou o ambiente cultural na qual estamos inseridos. Esses conhecimentos, referem-se também a um tipo de gramática internalizada. Na perspectiva de Kleiman (2013, p. 18), “o conhecimento linguístico, então, é um componente do chamado conhecimento prévio sem qual a compreensão não é possível”.

Quanto ao *conhecimento textual*, este faz relação com o conhecimento prévio e desempenha um papel de suma importância no processo de compreensão do texto. Ele é adquirido por meio das leituras dos textos, mais não é apenas aquela leitura superficial do folhado textual, é, pois, um processo abrangente de busca em suas memórias, das lembranças que possam auxiliá-los na compreensão do texto, fazendo assim com que o leitor encontra pistas capazes de torná-lo competente em sua atividade.

Já os *conhecimentos de mundo* são os saberes que adquirimos por meio de nossas vivências, cujo aprendizado não depende do uso de conceitos e regras, pois são conhecimentos que herdamos de nossas vivências familiares. São esses saberes que aprendemos desde cedo, e que estão registrados em nossas memórias.

Dessa forma, compreendemos que o processo de leitura abrange muitas competências que são necessárias para que o leitor torne-se um sujeito ativo e responsivo, interagindo de forma proficiente na sociedade na qual faz parte. Assim, veremos na próxima seção a importância da ação mediadora do professor na formação do leitor competente e as implicações das práticas tradicionais de leitura na sala de aula.

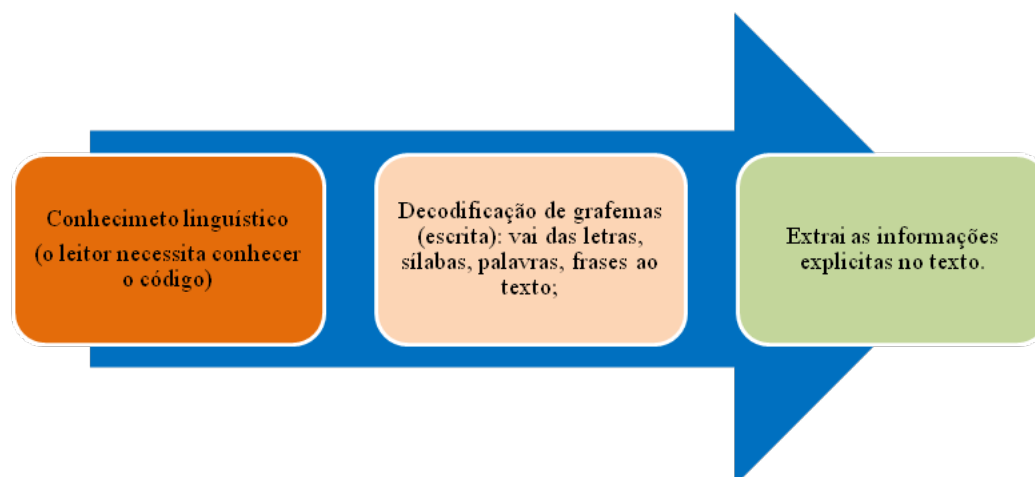
## Concepções teóricas de leitura

Apresentamos nesta seção as concepções de leitura que norteiam o processo de ensino e aprendizagem da leitura, sendo elas: Leitura tendo por foco no texto, no leitor, no autor e na interação texto-leitor-autor. Esta última, consideramos ser uma abordagem necessária que os professores devem possibilitar na sala de aula, para que esses futuros leitores alcancem um grau satisfatório, e com isto tornem-se leitores competentes.

### Concepção de leitura: foco no texto

A concepção de leitura **foco no texto** está correlacionada com a perspectiva de linguagem como *instrumento de comunicação*<sup>1</sup>, pois a leitura é entendida como uma mera reprodução do que se lê. As atividades de leitura resumem-se ao processo de decodificação do código e emissão do sentido do texto.

Para Rojo (2012), a leitura por meio da decodificação é vista apenas como um processo perceptual e associativo de decodificação de grafemas (escrita) em fonemas (fala), para acessar o significado da linguagem do texto. Dessa forma, o texto é entendido com recipiente carregado de significados a serem descobertos e para que o sujeito consiga compreender esses significados é necessário desvendar os códigos (letras, sílabas, palavras e frases).



Fonte: elaborado pelas autoras

Nesse interim, Koch e Elias (2012, p. 10), afirmam que “o texto é visto como simples produtor da codificação de um emissor a ser decodificado pelo leitor/ouvinte, bastando a este, para tanto, o conhecimento do código utilizado”. Essa perspectiva, possibilita ao leitor uma atitude de reprodução, já que todo o sentido está apenas no texto, cabendo a ele apenas decifrar a mensagem explícita. Assim, o conhecimento se dá por meio de um processo ascendente, ou seja, o saber ou as informações vai do texto para o leitor.

### Concepção de leitura: foco no autor

Na concepção **foco no autor**, a leitura é concebida levando em consideração a ideia do responsável pela elaboração do texto, o autor, o que ele diz deve ser entendido, como o certo, não se utiliza da influência do leitor, é uma concepção extremamente isolada e individual, que viabiliza apenas a ideia do autor. Assim, podemos dizer que esta concepção está relacionada com a linguagem *como expressão dão pensamento*<sup>2</sup> e nas palavras Hoppe e Costa-Hübes (2013):

1 A língua é concebida “como um código, ou seja, um conjunto de signos que se combinam segundo regras e que é capaz de transmitir uma mensagem, informações de um emissor a um receptor” (TRAVAGLIA, 1996, p. 22).

2 “[...] as pessoas não se expressam por bem porque não pensam. A expressão se constrói no interior da mente, sendo sua exteriorização apenas uma tradução. A enunciação é um ato monológico, individual, que não é afetado pelo outro nem pelas circunstâncias que constituem a situação social em que a enunciação acontece” (TRAVAGLIA, 1996, p. 21).

Linguagem como expressão do pensamento- leitura com a perspectiva no autor: essa concepção não prevê a influência do outro nem da situação social na construção dos enunciados, é um ato monólogo e individual. Nessa concepção, a organização do pensamento segue as regras do bem falar e do bem escrever. Essas regras estão nas gramáticas tradicionais ou normativas, e toma como base a linguagem literária como um exemplo do “escrever bem (COSTA- HÜBES, 2013, p. 6).

Nessa concepção, um dos principais objetivos é a busca pelo falar e escrever bem, cujo autor é o exemplo principal a ser seguido. Por meio dessa concepção o leitor precisa descobrir a intenção do autor ao escrever determinado texto. Para Koch e Elias (2012)

Nessa concepção de língua como representação do pensamento e de sujeito como senhor absoluto de suas ações e de seu dizer, o texto é visto como produto-lógico- do pensamento (representação mental) do autor, mais nada cabe ao leitor senão “captar” essa representação mental, juntamente como as intenções (psicológicas) do produtor, exercendo, pois, um papel passivo (KOCH e ELIAS, 2012, p. 9-10).

Portanto, o autor é visto aqui como sujeito absoluto de suas ações e dizeres, resta, no entanto, o leitor apenas compreender o que ele diz. A prática de leitura nesta concepção “é usada apenas para exteriorizar o pensamento, avaliando-se o seu domínio pela capacidade de o indivíduo expressar-se corretamente pela oralidade” (FUZA, OHUSCHI e MENEGASSI, 2011). Para Menegassi (2010), nessa concepção o autor:

[...] é visto como um “ego” que constrói uma representação mental na escrita, no texto, e deseja que seja “captada” pelo leitor da maneira como foi mentalizada, sem modificações. Assim, não cabe ao leitor levar sentidos ao texto, apenas identificando qual o significado pretendido pelo autor. (MENEGASSI, 2010, p. 168).

Nessa concepção, é levada em consideração as ideias do autor, e o leitor não poderá utilizar seus conhecimentos prévios (KLEIMAN, 2013) nem seus conhecimentos de mundo (FREIRE, 1989) para construir as significações possibilitadas pela leitura, tão pouco tecer opiniões que caminham na contramão da perspectiva do autor.

### Concepção de leitura: foco no leitor

Na perspectiva **do leitor**, ou modelo descendente, os conhecimentos que o leitor tem de mundo são extremamente importantes, pois é por meio deles que o leitor poderá concordar ou não com o texto. Nessa perspectiva, o leitor tem uma autonomia para expor suas ideias, dialogando ou não com texto. Nas palavras de Zago (2012), nessa concepção:

O leitor, assim, tem autonomia para concordar ou discordar do autor e do que o texto diz, pois o que importa é ouvir sua opinião. Questões muito comuns que são encontradas abundantemente nos livros didáticos exploram, por exemplo: “Qual é a sua [do aluno] opinião sobre o texto?” “O que você faria se...?”, Como você Reagiria caso...? “O que você acha sobre...?” Entende-se, assim que “o conhecimento armazenado na memória do leitor (conhecimento prévio) é mais importante do que as informações contidas no próprio texto, logo, o conhecimento prévio é o que determina o sentido que o leitor dará ao texto” (ZAGO, 2012, p. 61).

Dessa forma, está nas mãos do leitor a construção da significação, pois aqui não é considerado a perspectiva do autor. Assim, esse processo acontece da seguinte forma, conforme esquema a seguir:



Fonte: elaborada pelas autoras

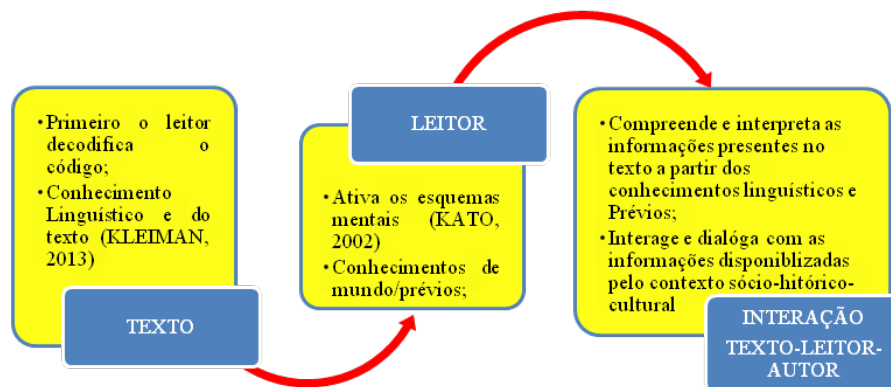
Nessa concepção percebemos que o leitor pode exercer suas opiniões, buscando ativar seus conhecimentos prévios de outrora. Mediante isso, o leitor alcança seu saber desejado construindo o sentido independente do texto.

### Concepção de leitura: foco na interação texto-leitor-autor

O modelo pautado na interação **texto-leitor-autor** está relacionada a concepção de *linguagem como interação*, pois permite ao leitor “compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que se sabe sobre linguagem, etc. [...]” (BRASIL, 1998, p. 69). Além disso, a leitura não é compreendida como mero processo de extração e decodificação, pois considera os conhecimentos de mundo dos leitores que foram constituídos anteriormente à atividade de leitura. Segundo Hoppe e Costa-Hübes (2013),

A leitura é uma forma de se obter conhecimentos para a produção do saber elaborado e também uma maneira de interação social com o mundo, o que significa dizer que ao lermos, abrimos fronteiras, alargou horizontes, ampliamos os diálogos e alcançamos lugares e pessoas distantes (HOPPE E COSTA-HÜBES, 2013, p. 3).

Com a leitura abrimos um leque de conhecimentos que possibilitam a realização de diversas atividades que envolvem a linguagem. O ato de ler propicia ao sujeito viajar pelo mundo, além de dar espaço para ouvir as opiniões que lhes cercam. Assim, quem utiliza bem a prática de leitura torna-se um leitor competente e sagaz para realizar suas atividades na vida social, além de compreender, interpretar e dialogar com as diversas informações disponibilizadas na sociedade.



Fonte: elaborada pelas autoras

Nesse ínterim, Silva (1999) afirma que,

Toda leitura envolve um projeto de compreensão e um processo de interpretação. De fato, o projeto coloca horizontes um propósito para o adentramento na leitura, mantendo a dinâmica em termos de espaços e tempo (Leio sempre com determinada finalidade, mesmo que seja para passar tempo). Outrossim, o processo de interpretação demarca a abordagem do texto pelo leitor de modo que a compreensão vá se constituindo ao longo da leitura em si (leio sempre a partir das lentes paradigmáticas ou teóricas que foram sedimentadas no repertório) (SILVA, 1999, p. 17).

As concepções de leitura são mecanismos importantes para que o sujeito torne-se um leitor proficiente. Diante disso, cabe ressaltar que cada uma delas tem uma função importante na vida do leitor. Os educadores precisam saber utilizá-las de maneira adequada e atendendo aos objetivos que cada leitor possui, no intuito de torná-los sujeitos críticos e reflexivos.

Acerca da concepção de leitura, tendo foco na interação-texto-leitor, Koch e Elias (2012) afirmam que:

A leitura é uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza evidentemente com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo (KOCK-ELIAS, 2012, p. 11).

Portanto, a leitura interativa é uma leitura que vai além das informações contidas no texto, pois por meio dela conseguimos viabilizar o acesso aos conhecimentos já adquiridos, formando novos conceitos acerca do que está sendo lido. Segundo Fuza, Ohuschi e Menegassi (2011):

Nesta concepção, a preocupação básica do ensino da língua materna é levar o aluno não apenas ao conhecimento da gramática de uma língua, mais, sobretudo, ao desenvolvimento da capacidade de refletir, de maneira crítica, sobre o mundo que o cerca e, em especial, sobre a utilização da língua como um instrumento de interação social (FUZA-OHUSCHI-MENEGASSI, 2011, p. 490).

A leitura com foco na interação possibilita ao sujeito um aprendizado significativo, reflexivo e crítico para um agir responsivamente na sociedade, pois ele por meio de uma resposta responsável se colocará no lugar do outro, formando seu próprio sentido. Essa concepção, possibilita ao sujeito um posicionamento autêntico frente aos desafios disponibilizados pela utilização da linguagem em seus diversos contextos.

## **O professor e a prática tradicional de leitura na sala de aula**

O uso da leitura, na sala de aula deve ser constantemente discutido pelos profissionais do ensino da Língua Portuguesa (LP). Tal discussão carece de um cuidado no que se referem aos aportes teóricos-metodológicos utilizados no fazer pedagógico. Além disso, merece maior discussão por muitas vezes ouvirmos queixas<sup>3</sup> entre professores sobre como criar ou possibilitar o gosto da leitura por parte dos educandos. Kleiman (2013) assevera que esses alunos não possuem um incentivo familiar para o uso da leitura, e a maioria desses leitores não passou por todas as etapas de leitura

---

3 Tais queixas foram observada durante a realização do Estágio supervisionado em língua Portuguesa I.

que seriam fundamentais para sanar suas necessidades leitoras, o que impossibilita o prazer por esta atividade.

Em outras palavras, o aluno que possui um incentivo familiar e que tem boa aptidão para o uso da leitura, certamente irá se sobressair nas práticas que exigem conhecimentos letrados mais amplos. Assim, Wolf (1971, p. 166) assevera que, “caso queiramos os alunos [...] se transformem em cidadãos críticos, capazes de avaliar criticamente as ideias de um número cada vez maior de materiais para leitura, precisamos ensiná-los a ler criticamente”.

Nesse contexto, é necessário que o professor assuma um papel de leitor, ou seja, sendo um professor-leitor, mediando as práticas de leitura na sala de aula, pois, os alunos leitores tendem a espelhar-se em seu mestre, a fim de se tornarem sujeitos críticos e reflexivos, capazes de buscarem melhoria para o meio na qual estão inseridos. E por meio destes profissionais, os alunos são motivados a criar um prazer pela leitura. Importa dizer que nas salas de aulas existem muitos profissionais que apenas leem para ensinar uma determinada tarefa, levando os alunos a uma ação de passividade, em que a leitura é apenas para responder exercícios e avaliações no intuito de obter notas (CORACINI, 2005).

A formação do professor é um processo contínuo, que precisa de um olhar sensível e crítico, pois este profissional tem uma significativa relevância na formação do sujeito leitor, pois como afirma Grotta (2001, p. 148) “mais do que ouvir histórias contadas pelos professores, era significativa a forma como eles [os professores] liam, a desenvoltura e o prazer que demonstravam pela leitura, quando se propunham a ler em sala de aula”. Assim, compreendemos que para os professores consigam exercer seu papel de formadores de leitores, é importante fundamentar suas aulas em diversidade metodológicas, buscando possibilitar um ambiente que desenvolva leituras prazerosas.

Mas podemos observar que hoje o que mais se vê são profissionais desmotivados, e essa desmotivação reflete-se no desenvolvimento de leitores competentes. Acerca deste contexto, Kleiman (2013, p. 15), enfatiza que tal fato se dá pela “própria formação precária de um grande número de profissionais da escrita que não são leitores, tendo, no entanto, que ensinar a ler e a gostar de ler”. Outra inferência que podemos fazer, neste contexto, é que na maioria das vezes os professores estão extremamente cansado, impaciente e desgastado devido aos diversos casos de indisciplinas ocorridos em sala de aula, e muitas das vezes o desespero em lançar conteúdos para seguir o que sistema propõe. Outra inferência seria também, a grande carga horária que os professores assumem, em diferentes séries e escolas.

Como evidenciado por Kleiman (2013), mesmo apresentando uma formação precária, o que notamos é que muitos professores não buscam ampliar suas percepções acerca do ensino de leitura (FILHO, 2005), o que reflete no ensino apenas em concepções de leitura, pautadas no **texto** e no **leitor**. É mais fácil, dá menos trabalho.

Um ensino de leitura que foca apenas o texto e o leitor possibilita a formação de leitores com características de meros reprodutores de ideias alheias, não sendo um sujeito crítico e reflexivo, agindo responsivamente em relação às informações que são disponibilizadas. É necessário que o professor incentive seus alunos para a leitura e desperte neles o desejo de produzir sentidos ao texto lido, por meio da compreensão e interpretação.

Segundo Kleiman (2013, p. 22),

[...] ninguém gosta de fazer aquilo que é difícil demais, nem aquilo do qual não consegue extrair o sentido. Essa é uma boa característica da tarefa de ler em sala de aula: para uma grande maioria dos alunos ela é difícil demais, justamente porque ela não faz sentido.

E para que essa leitura tenha sentido na vida do leitor, ele precisa passar por todas as quatro etapas de leitura que visam torná-los leitores proficientes, sendo elas: a decodificação, compreensão, interpretação e retenção (MENEGASSI, 2010), temas pelos quais abordaremos nos tópicos seguintes.

A prática de leitura mais usada em sala de aula pelos professores, e as que eles acreditam ser fundamentais na aprendizagem da leitura, são as práticas pautadas nas concepções sobre o



texto. A concepção sobre o texto é uma concepção que utiliza-se do texto para obter o ensino de regras sintáticas, ou seja, é por meio dos textos que os professores fazem uma série de atividades gramaticais, com a finalidade de obter conceitos e regras do português padrão. Outra prática comum entre os professores, é fazer com que os alunos extraiam o aprendizado por meio de textos repletos de informações, nos quais o leitor é induzido a ler para responder suas atividades, com base nas informações contidas no texto.

Acerca dessa prática, Kleiman (2013, p. 27) afirma que os sujeitos concebem o texto como “um depósito de informações e, na crença de que o papel do leitor consiste em apenas extrair essas informações, através do domínio das palavras que, nessa visão, são o veículo das informações”. Pensar a leitura nesse viés, é pensar numa prática em que ler é apenas um processo de reprodução, onde os sujeitos passivos realizam as atividades com fins lucrativos, visando obter notas e alcançar um grau de escolaridade mais elevada.

Assim, uma prática respaldada na concepção *foco no texto* promove sujeitos que não conseguem articular os sentidos promovidos pela interação texto-leitor-autor, e nem fazer uso dos seus conhecimentos prévios de forma significativa, sendo sujeito acríticos e não responsivos.

### Formação e desenvolvimento do leitor competente

O processo de formação do leitor competente dá-se num primeiro momento no seio familiar. A criança desde pequena começa seu processo de aprendizado por meio do que conviveu em família, os hábitos e costumes são meios importantes para que essa criança consiga alcançar um bom aprendizado. E por meio das conversas ao redor da mesa de jantar, que as crianças começam a ler. Elas começam a ler gestos, opiniões e argumentos falados pelos adultos (MENEGASSI, 2010).

O leitor que possui o incentivo familiar desde pequeno, certamente se tornará um leitor ativo, pois a família despertou nele a prática de leitura. A esse respeito, Menegassi (2010, p. 36), afirma que na família os recursos de “leitura são efetivamente lidos, as crianças desenvolvem-se melhor com leitora. Não é preciso ter muito material de leitura, é preciso ter muito de leitura, é preciso que se mostre qualidade nas leituras”.

Importa dizer, nesse contexto, que a escola também assume um papel essencial na formação do leitor, pois é por meio da escola que o leitor aprofunda ainda mais sua leitura (numa perspectiva sistematizada). Com o auxílio do professor, os alunos leitores podem fazer o uso da leitura, a fim de, decifrar palavras, símbolos e com isso fazer ligação com assuntos do seu cotidiano, com o intuito de fortalecer suas práticas.

Portanto, é de grande valia que os profissionais da aprendizagem venham-se utilizar de práticas de leitura interativas, que promovam o pensamento crítico reflexivo do aluno, para que estes consigam compreender o que está sendo lido, e também consigam ter opiniões sobre o texto, e relacionando-os com os assuntos do seu cotidiano. Segundo Menegassi (2010):

O desenvolvimento do leitor crítico passa pelo trabalho com uma série de estratégias e habilidades de leitura, à diversidade de gêneros textuais que circulam na sociedade. Assim, para que esse leitor se constitua como crítico é preciso que desenvolva determinadas características próprias, que, na escola, são orientadas pelo material didático e pelo professor (MENEGASSI, 2010, p. 41).

O que podemos perceber é que a maioria dos professores ao realizar o ensino da leitura, busca ensinar de forma equivocada, pois ao instigar seus alunos, o professor utiliza-se de meios no qual a leitura é vista para encontrar as respostas explícitas no texto, não considerando o posicionamento do leitor. Podemos perceber que as respostas dos alunos têm foco no texto, e que não há um trabalho reflexivo por meio dos seus saberes (conhecimentos prévios), já que as informações contidas no texto são autos suficientes. Com essa prática o leitor é levado a uma atitude passiva e não responsiva e crítica.

Dessa forma, para que os sujeitos leitores atinjam a competência leitora é fundamental que eles passem pelos seguintes processos: decodificação, compreensão, interpretação e retenção (MENEGASSI, 2010). Em relação ao primeiro processo, vale ressaltar que ele é necessário para que

os sujeitos leitores consigam passar por todas as outras etapas, pois ela é a base primordial para o ensino da leitura. Por meio da decodificação o sujeito leitor passa pelo reconhecimento do código escrito e suas ligações pretendida no texto (decodificar letras, sílabas, palavras e frases), e com isso consiga realizar as demais etapas.

A **decodificação** é acionada quando ao ler uma palavra fazemos relação com o que ela significa. Por exemplo, quando falamos “lápiz” automaticamente nossa mente remete ao objeto lápis, algo muito utilizado para escrever, com formato de cilindro composto pontas de coloração cinza ou não. Ao fazermos essa relação acionamos o significado as palavras e segundo Menegassi (2010, p. 45), é plausível notarmos que a decodificação “[...] manifesta-se em dois níveis: 1) decodificação fonológica; 2) decodificação ligada à compreensão. A segunda é a que interessa ao processo de leitura, pois decodificação malfeita implica em compreensão malsucedida”.

É fundamental fazer a utilização do processo de decodificação, pois por meio dele o sujeito leitor conseguirá alcançar todas as demais etapas, é obter uma melhor compreensão. No entanto, o processo que visa à **compreensão**, é entendido como o processo que possibilita a leitura do texto, com o objetivo de resumir as ideias importantes para que o leitor consiga retirar as informações principais do texto, para que então, consiga compreender. Menegassi (2010), afirma que:

[...] como essa é uma etapa fundamental para o processo de leitura, ela deve ser muito bem aplicada e desenvolvida com o leitor em formação, para que aprenda a trabalhar disciplinas da escola. Assim, para cada texto, o aluno deve fazer o levantamento de informações com os diversos textos que a sociedade lhe apresenta. Para isso, a compreensão deve ser exercitada constantemente com o aluno-leitor, através de textos diversos das várias e da sua temática, produzindo, se possível, um resumo textual (MENEGASSI, 2010, p. 45).

Mediante isso, a **interpretação** (terceira etapa) só será bem exercida após a etapa da compreensão, pois a interpretação segundo Menegassi (2010), é a etapa da utilização da capacidade crítica do leitor, o momento de analisar, refletir e julgar as informações que se lê. Por meio da interpretação, o leitor faz as ligações de seus conhecimentos prévios com as informações principais contidas no texto. Quando isso ocorre, o leitor reformula conceitos e abrange seus conhecimentos, podendo assim, fazer uma boa interpretação textual. Para o referido autor é no processo de interpretação que “novos sentidos são produzidos a partir dessa relação, permitindo ao leitor a produção de um novo texto, uma vez que a manifestação de leitura ocorre através de informações diferenciadas do texto original” (p. 50).

A interpretação é a análise de novas informações e reflexões sobre elas. Já a **retenção** é a etapa responsável pelo armazenamento de informações mais importantes na memória do leitor. Para que a retenção aconteça o leitor, num primeiro momento, precisa compreender o que se lê, feito isso, ele armazenará as principais informações contidas no texto. Depois, para que a retenção se concretize, o sujeito precisa passar pelo processo de interpretação, sendo assim, as informações são acionadas e articuladas aos conhecimentos prévios do leitor.

A partir desse processo, o leitor irá formar um conhecimento significativo, no qual o leitor constrói outro texto pautado na junção de ideias e conceitos apropriados durante suas leituras. Certamente, se o leitor realizar todas essas etapas, podemos afirmar que ele será um leitor competente, pois ele completou seu ciclo de formação na leitura de forma significativa.

## Procedimentos metodológicos

O presente artigo valer-se-á de uma abordagem qualitativa para analisar as concepções de leitura utilizadas pelos professores, que contribuem para formação do leitor proficiente. Em relação à pesquisa qualitativa, Oliveira (2010) afirma que:

A pesquisa qualitativa pode ser caracterizada como sendo uma tentativa de se explicar em profundidade o significado e as características do resultado das informações obtidas através de entrevistas ou questões abertas, sem a mensuração

quantitativa de características ou comportamento (OLIVEIRA, 2010, p. 59).

A pesquisa contou com aplicação de uma entrevista semiestruturada para professores de escolas da rede municipal e estaduais de ensino que atendem à modalidade do Ensino Fundamental II, no município de Porto Nacional, estado do Tocantins, especificamente na disciplina de Língua Portuguesa. Na entrevista, os professores abordaram em suas respostas a importância da leitura e os meios que eles utilizam para mediar os saberes em sala de aula.

A entrevista, segundo Lüdke e André, “permite correções, esclarecimentos e adaptações que a torna sobremaneira eficaz na obtenção das informações desejadas” (1994, p. 34). Para tanto, a entrevista conforme Miguel (2010):

A entrevista não é simplesmente um instrumento neutro de pesquisa ou um método, entre outros, de coleta de dados, uma caixa preta cujo funcionamento seria óbvio e fora de questão. Pelo contrário, sua eficácia é profundamente ligada à concepção de linguagem e de discurso pressuposta não só durante a análise, mas também no desenvolvimento mesmo do intercâmbio com o informante (MIGUEL, 2010, p. 5).

Com base na entrevista semiestruturada conferida a quatro (4) professores de Língua Portuguesa, e com as leituras teóricas realizadas, enfatizamos sobre como está sendo realizadas as atividades de leitura, e se os profissionais estão aplicando de maneira significativa as concepções de leitura para que os futuros leitores não venham a ser apenas meros reprodutores do saber.

Para garantir a confidencialidade das identidades dos participantes, optamos em nomeá-los da seguinte maneira: P1, P2, P3, P4. As entrevistas semiestruturadas foram realizadas no mês de novembro de 2016 (dois mil e dezesseis), com três professores da rede Estadual de Ensino (P1, P2 e P3) e um professor da rede municipal (P4).

O inquérito foi aplicado mediante a apresentação de um termo de consentimento livre e esclarecido, para que os professores se sentissem tranquilo ao responder as questões elaboradas. O termo informa que tratava-se de uma entrevista com a finalidade de obter informação de como a leitura é mediada em sala de aula, e que não seria necessária identificação pessoal, tais como nome, endereço dentre outros. Para tanto, foi elaborado um conjunto de questões discursivas, sendo elas:

#### Perguntas da entrevista

1. Para você, o que é leitura?
2. Você acredita que por meio da leitura os sujeitos podem se tornar críticos e reflexivos em relação às informações que são disponibilizadas a eles no mundo? Por quê?
3. Como você trabalha o ensino da leitura em sala de aula? Quais passos você acredita que deve seguir para trabalhar leitura em sala de aula?
4. A partir da parábola “Retratar a paz”, de Maria Salete A. Silva, Wilma Ruggeri e Jota Lima, elabore 08 questões que você acredite ser pertinente no processo de compreensão e interpretação dela por parte dos alunos.

**Retratar a paz**

Um rei queria adquirir para o seu palácio um quadro que representasse a paz. Para isso, convocou artistas de diversas partes do mundo e lançou um concurso por meio do qual seria escolhido o tal quadro e premiado o seu autor. Logo começaram a chegar ao palácio quadros de todo tipo. Uns retratavam a paz através de lindas paisagens com jardins, praias e florestas; outros a representavam através de arco-íris, alvoradas e crepúsculos. O rei analisou todos os quadros e parou diante de um que retratava uma forte tempestade com nuvens pesadas, redemoinhos de ventos e uma árvore arqueada abrigando, dentro de seu tronco, um pássaro que dormia tranquilamente. Diante de todos os participantes do concurso, o rei declarou aquele quadro da tempestade o vencedor do concurso. Todos ficaram surpresos, e alguém protestou dizendo:

- Mas... Majestade! Esse quadro parece ser o único que não retrata a paz!

Nesse momento o rei respondeu com toda a convicção:

- O pássaro dorme tranquilamente dentro do tronco apesar da tempestade lá fora. Esta é a maior paz que se pode ter: a paz interior.

Paz não é a ausência de agitação no ambiente em que vivemos, mas o estado de tranquilidade interior que cultivamos diante das tempestades da vida.

(Maria Salete A. Silva, Wilma Ruggeri, Jota Lima. Para que minha família se transforme.

Título original: Mantenha sempre a calma. p.75 Campinas, SP: Verus Editora. 4ªed. 2003.)

**Análise e discurso dos dados: concepções de professores acerca do ensino da leitura**

Mediante a discussão teórica realizada nas seções anteriores, apresentamos nesta seção a análise dos dados da pesquisa. Como evidenciado anteriormente, as concepções de leitura são fundamentais para nortear a prática dos professores no processo de ensino e aprendizagem de leitura. A leitura na sala de aula tem como princípio básico a formação de leitores competentes, capazes de interagir criticamente com diversos textos lidos.

Para tanto, o docente terá um papel importante nesse processo, pois é necessário que ele tenha saberes e metas ou objetivos que contribuam significativamente com o desenvolvimento da competência leitora, pois segundo Rodrigues (2011, p. 01), “o professor precisa se colocar como mediador do processo ininterrupto da construção do discurso do aluno”.

Levando em consideração o papel do professor no desenvolvimento da competência leitora (SOLÉ, 1998), partimos da primazia que é necessário que o docente tenha conhecimento das concepções de leitura que embasam as atividades de LP, na formação do leitor proficiente. Assim, a pesquisa tem como objetivo geral analisar as concepções de leitura utilizadas por professores do Ensino Fundamental II e suas implicações no desenvolvimento do leitor proficiente.

Iniciamos com o questionamento o que é leitura, pois acreditamos que tal questionamento refletirá na concepção de leitura que alicerça o agir do professor nas aulas de LP. Apresentamos a seguir as concepções apresentadas pelos professores para o ensino e aprendizagem da leitura.

<b>1-Para você, o que é leitura?</b>			
<b>P1</b>	<b>P2</b>	<b>P3</b>	<b>P4</b>
Leitura é tudo aquilo que se predispõe a compreender o que foi explicitado, independente da forma que o mesmo se apresente.	Leitura, para mim é a capacidade de decodificar e interpretar o que se passa no mundo, não é apenas juntar letras, formar palavras ou frases. É preciso entender o sentido daquilo que foi escrito ou feito através da linguagem verbal e não verbal.	Ler é o ato de conhecer, de se manter informado, a pessoa que não tem o hábito de ler se encontra isolado de tudo que acontece ao seu redor. Ler também pode ser um ato de prazer, um passa tempo em que você adquire conhecimento é ao mesmo tempo se mantém informado.	Leitura é um processo de descoberta e conhecimento. É o ato de conhecer a si mesmo e ao mundo.

Podemos observar que P1, limita a prática de leitura a “*tudo aquilo que se predispõe a compreender o que foi explicitado*”, ou seja, a uma prática explícita que, nos remete a concepção de leitura foco no texto, em que todas as informações estão claras, bastando ao leitor se predispor a compreendê-las. Essa concepção remete a formação de um leitor que arquiteta o “significado com base nos dados do texto, fazendo poucas leituras das entrelinhas [...]. É, porém, vagaroso e pouco fluente e tem dificuldade de sintetizar as ideias do texto por não saber distinguir o que é mais importante do que é meramente ilustrativo ou redundante” (KATO, 2002, p. 51).

No entanto, a resposta de P2 ao dizer que a leitura “é a capacidade de decodificar e interpretar o que se passa no mundo [...] É preciso entender o sentido”, nos leva a inferir que para o sujeito leitor tornar-se competente. Para isso é necessária a utilização de todas as etapas de leitura, que são decodificação, compreensão, interpretação e retenção (MENEGASSI, 2010). Porém, notamos que, quando P2 diz que é necessário ‘*decodificar e interpretar*’ a professora pula uma etapa do processo, a compreensão, pois dá decodificação ela segue para interpretação.

Tal ação, compromete o processo significativo da interpretação, pois para que ele ocorra é “necessária que a compreensão a preceda, caso contrário, não há possibilidade de sua manifestação”, ou seja para uma leitura competente é primordial a realização de todas as etapas de leitura (MENEGASSI, 2010, p. 50). Notamos ainda, em P2, uma prática com foco no texto ([...] entender o sentido *daquilo que foi escrito ou feito através da linguagem verbal e não verbal*), onde o leitor precisa entender o sentido do texto escrito ou não. Segundo Koch e Elias (2012, p. 10), essa concepção foca no texto, sendo necessário “o reconhecimento do sentido das palavras e estruturas do texto”.

P3 e P4 compartilham de ideias semelhantes, pois para eles a leitura é um instrumento fundamental, e um o ato que visa a busca de informações (P3: “*Ler é o ato de conhecer, de se manter informado*” P4: “*Leitura é um processo de descoberta e conhecimento*”). A leitura para P3 permite uma atitude interacional, pois “*a pessoa que não tem o hábito de ler se encontra isolado de tudo que acontece ao seu redor*”. Também em P4, percebemos uma leitura pautada na interação, onde o uso da leitura proporciona descoberta, pois por meio da interação podemos viabilizar o aprendizado para se “conhecer a si mesmo e ao mundo”. Então, aqui o texto não “é um depósito de informações” e nem o leitor terá “o papel do leitor consiste em apenas extrair essas informações” (KLEIMAN 2013, p. 27).

Nas análises, percebemos a concepção de leitura focada no texto (P1 e P2) e indícios da leitura e indícios da concepção interacionista (P3 e P4), concepção que defendemos nesta pesquisa. Dito isto, partimos para a análise da segunda questão, que visa responder sobre a possibilidade de acredita na leitura, para a formação de leitores críticos e reflexivos.

<b>2- Você acredita que por meio da leitura os sujeitos podem se torna críticos e reflexivos em relação as informações que são disponibilizadas a eles no mundo? Por quê?</b>			
P1	P2	P3	P4
Certamente que sim, pois, ler também pode ser um ato de prazer, uma vez que terá novas informações e se colocará diante de uma situação sabendo o que deverá debater e como fazer.	Com certeza a leitura proporciona uma abertura para as concepções críticas do mundo. Por que através dela, nós podemos ampliar nossos horizontes e aumentar nossos conhecimentos. E quanto maior for nosso conhecimento melhor será nossa criticidade.	Sim, certamente, pois o leitor que é bem informado aprende a questionar, a levantar hipóteses, a dar sua opinião seja positiva ou negativa, é uma das grandes características de um bom leitor e que ele tem fome de conhecimento de informação este com certeza estará bem preparado para lidar com os obstáculos do dia-a-dia.	Sim, fielmente. Porque a leitura nos possibilita conhecer os dois lados de qualquer assunto ou tema, o lado positivo e negativo, as verdades e incoerências acerca de determinados assuntos. Para assim, nos posicionarmos perante determinada temática.

Diante das respostas, todos os quatro (4) professores concordam que, as práticas de leitura possibilitam a formação e o desenvolvimento do leitor proficiente. P1 afirma, que o sujeito que lê é capaz de resolver e debater sobre determinado assunto (*“Ler também pode ser um ato de prazer, uma vez que terá novas informações”*). Nesse sentido, podemos inferir que nas ações de P1 existe uma relação com a concepção pautada na interação, que o leitor *“se colocará diante de uma situação sabendo o que deverá debater e como fazer”* (P1).

Quando P1 diz que a leitura pode ser *‘um ato de prazer’*, ele demonstra que não podemos conceber a leitura com obrigação ou com a finalidade de avaliar. O professor possibilita ao leitor caminhos para ler aquilo que goste, e com isso, se abre um leque para leituras que possam dialogar com assuntos relativos ao cotidiano do leitor. Notamos ainda na representação de P1, que as atividades de leituras devem abrir espaço para leitura que desperte a atenção do leitor, promovendo o gosto, e motivamos o leitor ao ato de ler.

Nas palavras de P2, *“a leitura proporciona uma abertura para as concepções críticas do mundo”*, notamos uma ação reflexiva e crítica (SOLÉ, 1998, FREIRE, 1989), já que existe uma preocupação de levar os saberes adquiridos para além das barreiras escolares, pois a prática de leitura nessa perspectiva contribui para que os leitores *“ampliar horizontes”* e aprimorar seus conhecimentos”, ou seja, quanto mais se lê, mais se aprende e mais questionamentos surgem na construção de novos saberes.

Na visão de P3, o leitor que faz uso da leitura, e capaz de expor suas opiniões acerca das informações disponibilizadas, e também, é um sujeito apto, a lidar com os *‘obstáculos’* que lhes cercam. Não muito diferente dos professores anteriores, P4 afirma que quem lê, é capaz de *“conhecer os dois lados dos assuntos ou temas”*, onde se consegue entender os pontos negativos e positivos dentre outros. Notamos aqui uma perspectiva interacionista, pois o leitor viabiliza o acesso a diversos vieses do saber, além de poder relacioná-los com seus saberes pré-construídos.

Todos os quatro professores acreditam na potencialidade da leitura na formação da criticidade do leitor e suas reflexões sobre as informações adquiridas. Vislumbramos, também, em algumas concepções, características do leitor proficiente, como elucubrado por Kleiman (2013, p.77) que ele [...] faz escolhas baseando-se em previsões [...]. Essas previsões estão apoiadas no conhecimento prévio tanto sobre o assunto [...] como sobre o autor, a época da obra (conhecimento social, cultural, pragmático) e o gênero (conhecimento textual).

<b>3- Como você trabalhar o ensino da leitura em sala de aula? Quais passos você acredita que devem seguir para trabalhar leitura em sala de aula?</b>			
<b>P1</b>	<b>P2</b>	<b>P3</b>	<b>P4</b>
A primeira concepção de leitura é fazer com que o aluno observe a própria fala, pois assim o mesmo identificará suas falas e falhas. Trabalhar a leitura em voz alta alternando os alunos e os mais diversos meios de fazer a leitura.	Eu costumo demonstrar aos alunos que eu sou uma leitora, pois acredito que não se pode apenas cobrar, mas é preciso que eles vejam que você sente prazer naquilo que está propondo que eles façam. Em seguida é fazê-los descobrir qual leitura mais os agrada, e assim proporcionar o contato com esses textos.	É trabalhando de forma que leve o aluno a gostar e ter prazer pela leitura descompromissada, ou seja, o aluno não deve se sentir obrigado a ler porque o professor está estipulando certa nota para aquela leitura ou porque deve fazer um trabalho avaliativo.	Procuro trabalhar de acordo com os gêneros textuais de cada ano. Quando trabalho conto, por exemplo, exploramos os elementos da narrativa como: <i>P e r s o n a g e n s</i> , espaço, tempo e outros. Além da compreensão geral do mesmo.

Ajuda que o aluno encontre suas próprias falhas sem que seja necessário que outras pessoas mostre a falha, pois o mesmo já percebeu.	Dessa forma, o habito irá ser criado sem que percebam e logo estarão lendo textos mais complexos que não causam prazer, mas que são extremamente importantes para a aprendizagem de cada um.	O gosto pela leitura deve partir do aluno, pois sendo assim, esta leitura será realizada com prazer, com motivação e a obrigação do professor é apenas estimular esse gosto indicando leituras, autores diversos e sempre fazer uma propaganda daquele livro que será indicado para o aluno.	T a m b é m incentivo à leitura complementar de contos clássicos, além dos que são propostos nos livros didáticos.
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

A partir das colocações dos professores, podemos observar que os passos que eles utilizam na atividade de leitura, ainda estão ancorados numa prática tradicional de leitura, focando as questões estruturais da língua, onde o certo e o errado prevalece - concepção de Linguagem como expressão do pensamento - (P1: [...] *é fazer com que o aluno observe a própria fala pois assim o mesmo identificará suas falas e falhas*). Segundo Hoppe e Costa-Hübes (2014, p. 6) essa atividade de leitura “ [...] segue a mesma orientação; na verdade, há uma preocupação maior com a leitura vozeada (oralização do texto escrito): lê melhor quem se aproxima da leitura modelar do professor”.

Diante da resposta de P2, observamos um a prática comum nas atividades de leitura que é o professor como exemplo para os alunos “Eu costumo demonstrar aos alunos que eu sou uma leitora”. Assim, “a maneira pela qual o professor concebe o processo de leitura orienta todas as suas ações de ensino em sala de aula” (SILVA, 2003, p. 40).

Já na resposta de P3, identificamos que o professor procura ensinar de forma que o leitor crie gosto pela leitura, sem se preocupar que tal atividade terá fins avaliativos. Mas, no intuito de partir do aluno o desejo de ler, cabendo ao professor a “obrigação de estimular esse gosto indicando leituras”. Nesta resposta de P3, enfatiza a importância do estímulo a leitura, considerando a finalidade primária desta atividade, formar leitores competentes.

P4 evidencia o trabalho com gêneros textuais nas práticas de leitura, proposta defendida pelos PCN (BRASIL, 1998), (P4: *Procuro trabalhar de acordo com os gêneros textuais de cada ano*). Porém, notamos que P4 não considera a função social do gênero, pois segundo Kleiman (2013), antes de ser trabalhada questões estruturais (P4: *Quando trabalho conto, por exemplo, exploramos os elementos da narrativa*), é necessário que o professor elucide anteriormente a relevância social do gênero trabalhado.

Como relatada no início da análise da questão três, percebemos que ainda reina nas aulas de leitura uma perspectiva estruturalista pautada numa

[...] preocupação excessiva com a decodificação e com o reconhecimento da estrutura organizacional do texto, é possível inferir que ao organizarmos questões como estas, estamos sendo orientados pela concepção estruturalista da língua, de base saussuriana. Ler, nesse caso, significa decodificar, reconhecer o sistema linguístico, a formatação do texto. Sendo assim, o foco de leitura recai para o texto enquanto materialização da língua (COSTA-HÜBES, 2010, p. 249).

Dessa forma, as aulas de leitura têm como foco o texto, onde o principal objetivo é estar apto no falar bem, na compreensão dos gêneros e demais assuntos pautado no aprendizado do texto.

Agora após essas análises, partiremos para o quadro quatro (4), onde analisamos os aspectos do texto, estes fundamentais para serem abordado nas aulas de leitura.

Observamos nos quadros a seguir, onde foi proposto aos professores elaboração de oito questões, para nortear o leitor na prática de leitura. Como se trata de oito questões, optamos em dividir em dois quadros as respostas dos professores: Quadro 4a: P1 e P2 e Quadro 4b: P3 e P4.

A questão quatro teve a finalidade de verificarmos qual a concepção de linguagem que embasa a atividade de leitura dos professores de LP e quais as implicações dessas concepções na formação e desenvolvimento do leitor competente. Para tanto, solicitamos aos professores a elaboração de oito (8) questões a partir do texto, usado em sequência didática em aulas de estágios que tem por título “Retrato da paz, de Maria Slete A. Silva, Wilma Ruggeri e Jota Lima.

4a - A partir da parábola “Retratar a paz”, de Maria Salete A. Silva, Wilma Ruggeri e Jota lima, elabore 08 questões que você acredite ser pertinente no processo de compreensão e interpretação dela por parte dos alunos.	
<b>P1</b>	<b>P2</b>
<p>QUESTÕES:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Quais símbolos representam a paz nos primeiros quadros?</li> <li>2. Que tipo de quadro o rei buscava?</li> <li>3. Quais símbolos são encontrados no quadro escolhido pelo rei?</li> <li>4. Os símbolos externos representam a paz? Por quê?</li> <li>5. Sobre a reação dos presentes, você acha válida ou não? Explique?</li> <li>6. O rei descreve os motivos pelos quais escolheu o tal quadro, você concorda com a ideia do rei? Por quê?</li> <li>7. Que fatos segundo o rei ajudariam as pessoas a viverem melhor?</li> <li>8. Crie uma nova moral para esta parábola.</li> </ol>	<p>QUESTÕES:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>01-A qual gênero textual pertence?</li> <li>02- Qual é o significado no contexto do texto da palavra RETRATAR?</li> <li>03- De que quais maneiras a paz foi retratada?</li> <li>04- Qual foi à maneira da paz retratada que foi escolhida pelo rei?</li> <li>05- ( Não respondeu a questão)</li> <li>06- Como as pessoas ficaram com o retrato da paz escolhido pelo rei?</li> <li>07- Por que ele fez essa escolha?</li> <li>08-Você concorda com a escolha do rei? Como você retrataria a paz?</li> </ol>

Nas questões elaboras por P1 e P2 com base no texto proposto, notamos uma predominância da concepção de leitura foco no texto, embasando a produção de suas atividades de leitura e interpretação textual (P1: questões: 1, 2, 3, 4, 6, 7; P2: questões: 1,2,3,4,6,7). Essa concepção de leitura implica na formação de leitores passivos e reprodutores, pois para Solé (2003, 21), o leitor ativo “é aquele que processa, critica, contrasta e avalia a informação que tem diante de si, que a desfruta ou a rechaça, que dá sentido e significado ao que lê” (p. 21). A concepção de leitura foco no texto, pertence a uma perspectiva estruturalista, que dispõe a leitura como “um processo de decodificação e, posteriormente, de compreensão” (MORAIS, 1997, p.23). Importa dizer que na elaboração das questões foi encontrada a concepção de leitura foco no leitor (P1: questões: 5 e 8; P2: questão: 8).

Agora partiremos para análise de P3 e P4, na qual responderam no quadro a seguir:

4b- A partir da parábola “Retratar a paz”, de Maria Salete A. Silva, Wilma Ruggeri e Jota lima, elabore 08 questões que você acredite ser pertinente no processo de compreensão e interpretação dela por parte dos alunos.	
<b>P3</b>	<b>P4</b>
<p>QUESTÕES:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Identificar o narrador 1ª, 2ª, 3ª pessoa?</li> <li>2. Quais os conflitos que ocorrem na história?</li> <li>3. Quais as tentativas de soluções para os conflitos?</li> <li>4. Qual a moral da história?</li> </ol>	<p>QUESTÕES:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>01-O que o rei desejava no início do texto?</li> <li>02-O que ele resolveu fazer para concretizar eu desejo?</li> <li>03-Como a paz era retrata pela maioria dos participantes do concurso?</li> <li>04- Qual quadro o rei escolheu?</li> </ol>



<p>5. Quais são os personagens?          6. Qual o tipo de discurso direto ou indireto?          7. Qual o tempo presente, passado, futuro?          8. Qual o tipo de texto Conto, fábula, crônica, texto jornalístico etc ?</p>	<p>05-Por que os participantes ficaram surpresos com a escolha do rei?          06- O que chamou a atenção do rei no quadro da tempestade?          07- Qual a lição da parábola sobre a paz?          08-E você, o que pensa sobre a paz interior?</p>
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Na análise dos professores, observamos que por meio das questões apresentadas por P3, todas as suas perguntas têm como foco o texto.

Já P4 elaborou suas sete questões com o foco texto, mas na última questão traz a seguinte pergunta “E você, o que pensa sobre a paz interior?”, vejamos que P4, dá lugar para o leitor socializar suas ideias e entendimentos a acerca da paz interior, o que representa uma concepção foco no leitor.

Com as análises percebemos que na prática a leitura permeia apenas no texto, o que acaba por calar o leitor, pois com isso não, será possível expor suas ideias e seus conhecimentos. Além disso, as respostas apresentadas pelos quatro (4) denotam que não existe a concepção de leitura focada na interação texto-leitor-autor, pois há a predominância da prática de leitura tradicional ‘foco no texto’. Na concepção de Solé (1998, p. 27), “a leitura pode ser considerada um processo constante de elaboração e verificação de previsões que levam à construção de uma interpretação”.

Notamos que com tais práticas os professores possibilitam a formação de um, “que constrói o significado com base nos dados do texto, fazendo poucas leituras das entrelinhas, que aprende detalhes detectando até erros de ortografia (...), mas que não tirar conclusões apressadas. É, porém, vagaroso e pouco fluente e tem dificuldade de sintetizar as ideias do texto por não saber distinguir o que é mais importante do que é meramente ilustrativo ou redundante” (KATO, 2002, p. 51).

### **Considerações finais**

Este artigo teve por objetivo analisar as concepções de leitura utilizadas por professores do Ensino Fundamental II e suas implicações no desenvolvimento do leitor proficiente. Para tanto, propomos os seguintes questionamentos: 1. Quais as concepções de leitura utilizadas por professores do Ensino Fundamental II e suas implicações no desenvolvimento do leitor proficiente? 2. Qual o conhecimento que esses professores possuem sobre as práticas pedagógicas que envolvem a leitura em sala de aula?

Em relação ao primeiro questionamento, constamos por meio das análises a predominância da concepção de leitura foco no texto, implicando na formação de um leitor reproduzidor das informações alheias. Salientamos, conforme postula Menegassi (2010, p. 11), que a leitura foco no texto ou decodificação deve ser considerada como uma etapa para se chegar à compreensão, interpretação e retenção, pois “o reconhecimento do código escrito e sua ligação com o significado pretendido no texto” levam a etapa da compreensão. Assim, na atividade de leitura o professor não deve estacionar é uma etapa, mas considerando o processo contínuo, ele deve dar continuidade e possibilitar a formação e o desenvolvimento do leitor ativo e responsivo. Acerca desse leitor, Solé (1998, p. 18) afirma que é “um sujeito ativo que processa o texto e lhe proporciona seus conhecimentos, experiências e conhecimentos prévios” (Solé 1998, p. 18).

Quanto ao segundo questionamento, compreendemos e concordamos com Kleiman (1996, p. 07), quando diz que “[...] os professores encontram-se mal informados em relação ao processo, ao leitor, e às estratégias que levam ao domínio do processo para poder assumir o ensino de leitura com segurança e coerência”.

Embora termos notados indícios de um favorecimento para a formação do gosto pela leitura (questões, 1, 2 e 3), as práticas pedagógicas para o ensino de leitura ainda estão aquém do esperado, já que as atividades de leitura mostraram-se numa perspectiva de reprodução, repetição, destituídas, na maioria das vezes, de reflexão crítica. Sabemos que, muitas vezes, as condições do agir do professor na sala de aula se mostram desfavoráveis para uma prática de leitura significativa, porém, o docente, enquanto agente responsável pela formação e desenvolvimento de leitores, pode e deve buscar caminhos possíveis e mais significativos para um agir responsivo e ativo.

Diante do exposto, sugerimos, para futuras pesquisas, que se trabalhem com a formação de professores para um ensino que leva em consideração uma resposta responsável para o desenvolvimento significativo de leitores responsivos e ativos.

## Referências

FUZA, A. F. OHUSCHI, M. C. G.; MENEGASSI, R.J. **Concepções de linguagem e o ensino da leitura em língua materna**. Linguagem & Ensino, Pelotas, v.14, n.2, p. 479-501, jul. /dez.2011.

FUZA, A. F. **O conceito de leitura da prova Brasil**. Maringá, PR, 2010.

GROTTA, Ellen Cristina Baptistella. Formação do leitor: importância da mediação do professor. In: LEITE, Sergio A. da S. (Org). **Alfabetização e letramento: contribuições para a prática**. Campinas, SP: Komedi: Arte Escrita, 2001.

HOPPE, Marcia Cristina; COSTA-HÜBES, T da C. **Concepções de leitura na Educação Básica e a sua relação com a Prova Brasil**. In: XI Jornada do HISTEDBR, 2013, Cascavel. Anais da XI Jornada do HISTEDBR. Cascavel - PR: Edunioeste, 2013.

KATO, M. **O aprendizado da leitura, Texto e linguagem**; Martins Fontes, 2002.

KLEIMAN, Ângela. **Leitura: ensino e pesquisa**. 2ª ed. Campinas, São Paulo: Pontes,1996.

\_\_\_\_\_. **Oficina de leitura – teoria e prática**. 15ª edição, Campinas, SP – Pontes Editores, 2013a.

\_\_\_\_\_. **Texto e leitor: Aspectos cognitivos da leitura**. 15ª edição, Campinas, SP – Pontes Editores, 2013b.

MIGUEL, Fernanda Valim Côrtes: **A entrevista como instrumento para investigação em pesquisas qualitativas no campo da linguística aplicada**. Revista Odisséia-PPgEL/UFRN. Nº. 5 [Jan-Jun 2010] ISS 1983-2435.

Ministério da Educação e do Desporto. Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa, Brasília, Secretaria de Educação Fundamental, 1998.

MORAIS, A. M. P. **A relação entre consciência fonológica e as dificuldades de leitura** - São Paulo: Vetor, 1997.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como Fazer Pesquisa Qualitativa**. 3ª ed. revista e ampliada. Petrópolis-RJ: Vozes, 2010.

SILVA, E.T. **Concepções de leitura e suas conseqüências no ensino**. Perspectiva. Florianópolis, v.17n.31p.11-19, jan. /jun.1999.

SILVA, L. L. M. da et al. **O ensino de língua portuguesa no primeiro grau**. 2. ed. São Paulo: Atual, 1986.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**. 6ª ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SOLÉ, Isabel. Ler, leitura, compreensão: sempre falamos da mesma coisa? In: TEBEROSKY, Ana et al. **Compreensão de leitura: a língua como procedimento**. Porto Alegre: Artmed, 2003.